



## **Viagens paratextuais: mediações editoriais nas traduções de *Promenade autour du monde* de Jacques Arago (1820-1840)**

### ***Paratextual Travels: Publishing Mediations in Translations of Promenade autour du monde by Jacques Arago (1820-1840)***

Daniel Dutra Coelho Braga

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil  
daniel.dutra@bol.com.br

<http://orcid.org/0000-0001-8370-8845>

**Resumo:** O artigo compara diferentes edições da série de cartas publicadas por Jacques Arago (1790-1854) sob o título *Promenade autour du monde* entre as quais a primeira edição francesa, de 1822, e as subsequentes traduções para a língua inglesa e para a língua italiana, em diferentes edições. Destaca-se a variação em termos de prefácios, funções de imagens e apêndices de caráter científico. Conclui-se que a mediação editorial efetuada ao longo da edição das traduções, notadamente no que se refere a elementos pré-textuais e edição das gravuras de autoria do viajante, contribuíram para a produção de diferentes efeitos de sentido na obra do autor, conferindo-lhe maior complexidade ao transformar os graus de verossimilhança científica e figurações de subjetividade modulados pelos textos.

**Palavras-chave:** mediação editorial; Jacques Arago; relatos de viagem; *Promenade autour du monde*; verossimilhança científica; tradução.

**Abstract:** This article analyses the different editions of a series of letters published by Jacques Arago (1790-1854) and entitled *Promenade autour du monde*. It compares the first French edition, which was published in 1822, and different editions of its subsequent translations to English and Italian. It highlights differences regarding features such as forewords, images and appendices devoted to scientific aspects of travel. It points out that editorial mediation helped produce different effects of meaning in the author's work, enhancing its level of complexity by changing its levels of scientific verisimilitude.

**Keywords:** editorial mediation; Jacques Arago; travel writing; *Promenade autour du monde*; scientific verisimilitude; translation.

## Introdução

O viajante, desenhista e dramaturgo francês Jacques Arago (1790-1854) foi autor de destaque ao longo da primeira metade do século XIX. Embora seu nome não conste de cânones na mesma proporção em que neles se encontram nomes como Victor Hugo ou Jules Verne, o desenhista nascido em Estagel alcançou considerável sucesso na época em que viveu. Isso se deu tanto por meio da publicação de seus relatos de viagem quanto por meio de suas peças de teatro, algumas das quais foram montadas na cidade do Rio de Janeiro, onde o viajante veio a falecer, em 1854.<sup>1</sup>

O êxito de Jacques Arago esteve evidente já na publicação de seu primeiro relato de viagem, *Promenade autour du monde* (1822a, 1822b, 1822c). A obra foi apresentada como uma coletânea de cartas escritas ao longo da viagem realizada junto ao oficial da Marinha francesa, Louis de Freycinet, entre 1817 e 1820.<sup>2</sup> Enquanto civil, Jacques Arago pôde participar de uma expedição da Marinha graças à intervenção de seu irmão, o astrônomo François Arago (1786-1853). A distinção entre civis e oficiais, se trouxe algumas tensões à realização da viagem, não impediu, no entanto, uma ampla recepção dos textos do desenhista. Publicada já em 1822, antes mesmo dos demais livros referentes a essa viagem – haja vista que os primeiros relatórios assinados pelo comandante da expedição só começaram a ser publicados a partir de 1824 –, a narrativa epistolar de Arago alcançou destaque em vários circuitos, incluindo a própria Marinha francesa. Evidência desse aspecto é uma nota publicada nas páginas do então mais importante periódico dessa instituição. Em sua edição de 1823, os *Annales Maritimes et Coloniales* apresentaram o seguinte comentário:

Enquanto se espera [pela publicação decorrente da viagem de Freycinet], e de modo a não deixar esfriar o interesse geral por essa grande exploração, o sr. Arago publica a série de suas observações

---

<sup>1</sup> Um bom estudo sobre a trajetória de Jacques Arago é o realizado por François Sarda (2002), que também analisou a trajetória dos irmãos do desenhista, entre eles o astrônomo François Arago.

<sup>2</sup> A expedição comandada por Louis de Freycinet entre 1817 e 1820 foi objeto de diversos estudos, entre os quais o de Georges Benoît-Guyod (1942) e o de Étienne Taillemite (1999). A viagem ocorreu entre 1817 e 1820, e as cartas que constam da obra de Jacques Arago foram apresentadas como tendo sido escritas ao longo desse período.

particulares sob um título instigante e original. O sucesso que obtém sua *Promenade autour du Monde* se justifica por se tratar de uma obra repleta de observações espirituosas, pinturas exatas, desenhos litografados com um cuidado extremo, e um estilo rápido e cheio de imagens (BAJOT, 1823, p. 96, tradução nossa).<sup>3</sup>

A breve nota, que em poucas páginas recuperou algumas passagens de Arago, indica diversas expectativas que se projetavam à obra. Seriam qualidades de seu relato, ao mesmo tempo, o estilo crítico e muitas vezes irônico do autor, bem como seu compromisso com a exatidão, tanto por meio de palavras como por meio de desenhos. Esses atributos conferiam ao relato um estatuto de evidência das realizações decorrentes da expedição de Freycinet. O relato de Arago entrelaçava velocidade, estilo e verdade, e seriam esses os motivos para seu sucesso.

A se guiar pela nota emitida na publicação da Marinha francesa, o relato de Arago guardava diversas características recorrentes na dita “literatura de viagem”, sobretudo em seus aspectos possivelmente mais contraditórios. Com efeito, a viagem é um gênero que desestabiliza em sua recepção e crítica, não apenas em função do desafio inerente ao estabelecimento da “genericidade” de qualquer texto – tal como ressaltado por Jean-Marie Schaeffer (1989) –, mas, sobretudo, em função dos atributos que lhe permitem ser reconhecida como “gênero misto”, assim como tantas vezes ressaltado em estudos, entre os quais os de Odile Gannier (2001, 2011) e Paul Smethurst (2012). Suas formas e lugares textuais, tanto no que trazem de mais convencional como no que porventura registrem de mais subversivo, esmaecem fronteiras rígidas da representação, por mais que sua recepção insistia, muitas vezes, em fixá-la enquanto registro do “exato”, tal como feito pela Marinha francesa em relação ao relato de Arago.

No tocante à obra *Promenade autour du monde*, essa tensão se amplia, não apenas em função de recursos e lugares textuais, mas também em função dos trabalhos editoriais subseqüentes. A narrativa epistolar de Arago atingiu um número considerável de edições na Europa do

---

<sup>3</sup> No original: “En attendant, et comme pour ne point laisser refroidir l’intérêt général sur cette grande exploration, M. Arago publie la série de ses observations particulières sous un titre piquant et original. Le succès qu’obtient sa *Promenade autour du monde* est justifié par une foule de remarques spirituelles, des peintures exactes, des descriptions vraies et poétiques, des dessins lithographiés avec un soin extrême, et un style rapide et plein d’images”.

século XIX, tendo sido traduzida para diferentes línguas e editada em diferentes países. Trata-se de um texto, portanto, que pode ser relacionado a questões levantadas por estudiosos como Donald McKenzie e Roger Chartier, no tocante a como suportes materiais variados configuram diferentes efeitos de sentido em textos (MCKENZIE, 1999), bem como no tocante ao papel e agência da mediação editorial (CHARTIER, 2002) na produção desses suportes.

Diante desse quadro, uma obra como o primeiro relato de viagem de Jacques Arago tem sua complexidade ressaltada. Se um relato, por si só, já apresenta tamanha tensão em termos de recursos narrativos e figurações de linguagem, em que medida constrangimentos de ordem editorial podem intervir em uma obra desse gênero, de modo a transformar seu potencial em termos de efeito de sentido?

Tendo em vista esse problema, este artigo analisa diferentes edições de traduções feitas a partir da obra *Promenade autour du monde*, de Jacques Arago. Para tanto, são comparadas à edição original francesa de 1822 diferentes edições da tradução para língua italiana, bem como a edição de 1823 da tradução para língua inglesa da obra. É levada em consideração, igualmente, outra edição francesa do texto, publicada em 1841. Dessa forma, busca-se responder a diferentes questões. Em que medida as diferentes edições de traduções produziram diferentes efeitos de sentido na obra, não apenas em função das opções estilísticas e vocabulares efetuadas por seus tradutores, mas, também, em função das próprias mediações editoriais que lhes conferiram materialidade? De que modo a escolha de paratextos ou mesmo a alteração desses contribuiu para transformações do texto, sobretudo em termos de verossimilhança científica,<sup>4</sup> dimensão em função da qual, como ressaltado anteriormente, o texto de Jacques Arago teve parte de seu êxito e circulação reconhecidos?

### **A primeira edição francesa**

Composta por dois tomos organizados em torno da narrativa epistolar e um terceiro tomo dedicado apenas aos desenhos do viajante, a primeira edição francesa de *Promenade autour du monde* ressalta o compromisso da autoria de Jacques Arago com formas de viagem em

---

<sup>4</sup> O tema da verossimilhança científica em relatos de viagem na cultura científica francesa de fins do século XVIII e início do século XIX é abordado por Lorelai Kury (2001).

que representações de povos e natureza se entremeiam às figurações da subjetividade do narrador enquanto viajante. Contudo, há outros aspectos que nela igualmente se destacam.

Curiosamente, o primeiro tomo da edição de *Promenades autour du monde* apresenta a própria mediação editorial enquanto um motivo textual. A obra apresenta, enquanto prefácio, um diálogo entre “o autor e seu livreiro” (ARAGO, 1822a), no qual a própria necessidade de um prefácio se torna um tema. Já nas primeiras linhas do diálogo, a ironia de Arago se manifesta:

O livreiro: A propósito, senhor, e o prefácio?

O autor: O prefácio! Não há.

O livreiro: Como! Não há prefácio?

O autor: Certamente não há.

O livreiro: Vós estais de pilhéria, senhor?

O autor: De modo algum.

O livreiro: Uma Obra de tal importância, sem prefácio! Pensastes nisso?

O autor: Pensei.

O livreiro: É impossível.

O autor: E por quê?

O livreiro: Não será lida.

O autor: Acreditais?

O livreiro: E quanto a mim, eu não a imprimirei

(ARAGO, 1822a, p. i-ii, tradução nossa).<sup>5</sup>

Mais que artimanha irônica, o prefácio original escancara a tensão entre viagem e empreendimento editorial posterior. Essa tensão se explicita por meio de uma referência àquele que talvez tenha sido o mais traumático evento da expedição de Freycinet, um naufrágio que colocou em risco toda a tripulação. O evento é recuperado no diálogo apresentado no prefácio, enquanto um símbolo da aridez pragmática do editor diante da identidade de um “autor-viajante”, para quem o acaso era a matéria mesma da viagem:

---

<sup>5</sup> No original: “Le libraire: A-propos, Monsieur, et la Préface? L’auteur: La Préface! Il n’y en a pas. Le libraire: Comment! Il n’y a pas de Préface? L’auteur: Non, certainement. Le libraire: Vous voulez rire, Monsieur? L’auteur: Je ne ris point. Le libraire: Un Ouvrage de cette importance, point de Préface! Y pensez-vous? L’auteur: J’y ai pensé. Le libraire: C’est impossible. L’auteur: Pourquoi donc? Le libraire: On ne le lirait point. L’auteur: Vous croyez? Le libraire: Et pour mon compte, je ne l’imprimerai pas”.

O autor: Bah! E leem-se os livros em razão dos prefácios?  
 O livreiro: Não, mas os prefácios em razão dos livros. É um preâmbulo que informa, que indica o caminho. É preciso um guia em uma viagem como a vossa.  
 O autor: Ficai tranquilo, não despistarei ninguém.  
 O livreiro: Não interessa; sempre se quer saber aonde se vai.  
 O autor: Eu mesmo não sabia e, ainda assim, cheguei aqui.  
 O livreiro: Sim, após um naufrágio  
 (ARAGO, 1822a, p. ii-iii tradução nossa).<sup>6</sup>

O prefácio não se restringiu à mera ironia diante da figura do editor. O diálogo, que se estende, na edição original, ao longo de mais de dez páginas, também permitiu que Arago apresentasse ao leitor uma filiação em termos de gênero, demarcando não apenas sua posição enquanto autor de uma viagem, mas o próprio estilo da obra:

O livreiro: Escutai-me, senhor. Eu vos digo que estou em posse de vosso manuscrito. Eu o li com atenção; algumas vezes ele me interessou, muitas vezes me fez sorrir; mas eu vos confesso que nele encontrei negligências que devem desaparecer.  
 O autor: Eu não tenho tempo.  
 O livreiro: O público não apreciará essa razão.  
 O autor: Eu corrigirei em uma nova edição.  
 O livreiro: A primeira será comprada?  
 O autor: Acreditais que seja de toda necessidade? Perguntai a um autor de romances... Além disso, uma viagem não é uma obra clássica, um curso de eloquência, um modelo de estilo. Entendeis o que digo?  
 (ARAGO, 1822a, p. xiii-xiv, tradução nossa).<sup>7</sup>

<sup>6</sup> No original: “L’auteur: Bah! Est-ce qu’on lit les livres pour les préfaces? Le libraire: Non; mais les préfaces pour les livres. C’est un avant-propos qui met au courant, qui indique la route. On doit être guidé dans une promenade comme la vôtre. L’auteur: Soyez tranquille, je n’égarerai personne. Le libraire: N’importe; on veut savoir où l’on va. L’auteur: Je ne le savais pas toujours, moi; et cependant je suis arrivé. Le libraire: Oui, après un naufrage”.

<sup>7</sup> No original: “Le libraire: Écoutez-moi, Monsieur. Je vous le dis à-présent que je suis possesseur de votre manuscrit. Je l’ai lu avec attention; quelquefois il m’a intéressé, plus souvent il m’a fait sourire; mais je vous avoue que j’y ai trouvé des négligences qu’il faudrait faire disparaître. L’auteur: Je n’en ai pas le temps. Le libraire: Le public ne goûtera pas cette raison-là. L’auteur: Je corrigera à une nouvelle édition. Le libraire:

O diálogo do prefácio é concluído, portanto, por meio de uma pista de “genericidade” (SCHAEFFER, 1989) imputada ao texto pelo próprio autor, que mediante o tema de uma tensão editorial explícita tanto a identidade da obra como a sua própria. O prefácio não só anuncia, mas também configura o teor da obra.

Por outro lado, a edição desestabiliza a identidade de viajante ao acaso que é apresentada em suas primeiras páginas. Há elementos nos dois primeiros tomos da edição francesa que aumentam o grau de verossimilhança científica da obra, corroborando a ressonância da expedição enquanto referência de realidade. Logo após o prefácio, por exemplo, é apresentada ao leitor uma tabela com dados experimentais recolhidos em diversas localidades do itinerário, referenciados mediante coordenadas geográficas. Trata-se de uma tabela com dados coletados por meio de instrumentos como termômetros, barômetros e higrômetros (ARAGO, 1822a, p. xviii-xxj). A tabela é apresentada por Arago como um apêndice de escopo relativamente pequeno, após o próprio autor ressaltar, mais uma vez, sua diferenciação em relação à autoridade científica, afirmando que se absteve de falar de ciência em sua relação histórica (ARAGO, 1822a, p. xvij). No entanto, tendo-se em vista as condições de possibilidade do discurso científico à época, a presença de uma tabela como essa em um relato epistolar é elucidativa, sobretudo em função do significado que a reprodução de medidas adquiria no campo científico francês da época. Esse elemento textual aproxima a publicação de Jacques Arago dos demais relatos e relatórios de viagem que também se estruturavam mediante esse tipo de informação, ainda que em proporções mais amplas. Houve, portanto, uma continuidade em termos de cultura científica, justamente mediante a atenção conferida às medidas, uma vez que, como bem apontou a historiadora Hélène Blais (2000, p. 269),<sup>8</sup> em estudo dedicado à série de expedições científicas da qual a empreitada de Louis de Freycinet fez parte,

---

Achetera-t-on la première? L’auteur: Croyez-vous que ce soit de toute nécessité? Demandez à tel auteur de romans... D’ailleurs, un voyage n’est pas un ouvrage classique, un cours d’éloquence, un modèle de style. M’avez vous toujours compris?”

<sup>8</sup> No original: “L’importance accordée aux descriptions des conditions de mesure doit être aussi rapportée au contexte scientifique, à une époque où la mesure et la quantification sont des modèles de référence dans la démarche scientifique. La mise en scène des instruments de mesure dans les publications officielles vient faire preuve d’acte scientifique”.

A importância conferida às descrições das condições de mensuração deve ser também vinculada ao contexto científico, a uma época em que a quantificação e a medida são modelos de referência na empreitada científica. O destaque a instrumentos de mensuração em publicações oficiais faz a prova do ato científico.

A referência à expedição não se deu apenas por meio desse elemento. Os dados barométricos, termométricos e higrométricos são sucedidos por uma tabela nominativa que apresenta toda a tripulação da expedição de Freycinet, discriminando-a por meio de dados como patentes, local de nascimento e movimentos ao longo da viagem (ARAGO, 1822a, p. xxii-xxx). O segundo tomo da edição, por sua vez, encerra-se por meio da reprodução de uma tabela dedicada às línguas dos povos encontrados ao longo da viagem (ARAGO, 1822B). Trata-se de uma tabela concebida junto aos cirurgiões da Marinha francesa que também integraram a expedição (BAJOT, 1823), e sua reprodução junto à narrativa epistolar aproxima a obra do campo da história natural. Elementos como esses contribuíram, portanto, para que o grau de verossimilhança científica da edição não fosse configurado apenas pelo seu terceiro tomo, o qual recebeu um suporte material diferenciado.

Com efeito, o atlas com desenhos de Arago é elemento de destaque na primeira edição francesa. O subtítulo “atlas histórico e pitoresco” explicita mais do que uma divisão temática, denotando filiações conceituais. Constituído de vinte e seis imagens, o atlas, enquanto modalidade específica de edição de imagens, recupera a tensão entre a representação da viagem enquanto expressão de subjetividade e a compreensão dos lugares visitados em termos de produção do saber. O fato de todas as imagens terem recebido um suporte material específico, apresentado por meio das noções de “história” e do “pitoresco”, atenuou sua função de ilustração narrativa. Enfatizou-se, assim, seu potencial exemplar não em termos de acessório a cenas contadas por meio das cartas, mas sim em termos de representação da diferença humana, aproximando-as, portanto, da história natural.

De fato, essa tensão entre ilustração de narrativa e representação autônoma estrutura todo o atlas. Não se trata de afirmar que o relato tenha sido dissociado do atlas. Neste, a referência à narrativa epistolar se faz presente. Isso é perceptível no índice da obra, que discrimina as vinte e seis imagens por meio de referências aos diferentes volumes, explicitando as páginas dos tomos da série de cartas às quais imagens se vinculam.



Desse modo, ao primeiro volume de cartas se referem as quinze primeiras imagens, entre as quais “Le Planisphère”, “Vue de l’Église de la Gloria, à Rio-Janeiro”, “Jeune Fille de Timor, portant de l’eau”, “Anthropophage d’Ombay” e “Manière de faire du feu des Naturels de Rawack”. As onze imagens seguintes são listadas mediante referência ao segundo volume de cartas, apresentando representações humanas como “Jeune Femme des îles Sandwich, dansant”, bem como cenas de costumes, como “Manière d’étrangler un Coupable aux îles Sandwich” e “Chasse au Tigre, par les Gaouches du Paraguay” (ARAGO, 1822c, *passim*).

Portanto, percebe-se que, a despeito das tensões trazidas pelo autor em termos de lugares textuais, não apenas em seu supracitado irônico prefácio, mas em suas próprias cartas, a primeira edição francesa da obra, enquanto empreendimento editorial, corroborou a direção e o compromisso do texto com uma concepção do relato de viagem como gênero entrelaçado às possibilidades de consolidação de novos saberes. Como ressaltou o historiador Joan-Pau Rubiés (2002, p. 257, tradução nossa),<sup>9</sup> “viajantes europeus, ao registrarem suas observações de outras terras e povos, tornaram-se colaboradores essenciais à expansão de um novo discurso, empiricamente informado acerca do homem e da natureza”. A obra *Promenade autour du monde* foi editada mediante comprometimento com esse tipo de discurso,<sup>10</sup> bem como com a fixação da representação do “pitoresco” enquanto natureza a receber ordenamento posterior, tal como já evidenciado pelo historiador Pablo Diener (2007).

Contudo, em que medida o grau de comprometimento da obra com esse tipo de discurso “empiricamente” informado foi reconfigurado em função de mediações editoriais posteriores? Houve alteração nesse grau de comprometimento? Essas perguntas podem ser respondidas mediante a análise de uma das primeiras traduções da obra, aquela para língua inglesa, publicada já em 1823.

---

<sup>9</sup> No original: “European travellers, by recording their observations of other lands and peoples, became essential contributors to the growth of a new, empirically informed discourse about both man and nature”.

<sup>10</sup> Inclusive em seus desdobramentos políticos, uma vez que, como destacou Roy Bridges (2002, p. 53), ao longo dos séculos XVIII e XIX, a escrita de relatos de viagem se aproximou de interesses e preocupações de atores em sociedades europeias que visavam algum tipo de influência ou mesmo controle direto sobre o que o autor definiu como “mundo não-Europeu”.

## **A edição inglesa de 1823: outra modalidade de verossimilhança científica**

A edição inglesa da série de cartas de Jacques Arago é semelhante à edição original em vários aspectos. Ela apresenta dois volumes de texto escrito e também apêndices, como o quadro de vocabulário de povos encontrados ao longo da viagem de volta ao mundo e a lista de oficiais que compuseram a tripulação da expedição, na qual também se apresentaram dados como locais de origem desses homens, suas patentes e eventuais datas de morte ou desaparecimento ao longo da expedição.

Não houve, todavia, um tomo específico reservado ao atlas. As imagens foram inseridas nos tomos da narrativa epistolar. Evidencia-se, assim, uma diferença importante: nessa edição inglesa, as imagens de Jacques Arago adquiriram um caráter mais acessório, de “ilustração narrativa”.

Além disso, essa não foi a única diferença em relação à edição original. A edição inglesa recebeu um novo prefácio. Trata-se de um texto breve, composto apenas por duas páginas. Apresentado como sendo de autoria do próprio Jacques Arago, não é ousado em termos de estilo. Não se trata de um diálogo, como na edição original, mas de um comentário acerca do sentimento de leitores diante de relatos de viagem. Desse modo, se o prefácio da edição original coloca em evidência a tensão inerente à mediação editorial, o prefácio da edição inglesa, por sua vez, coloca em evidência a tensão inerente aos recursos textuais da verossimilhança científica nos relatos, explicitando em que medida a circulação de um relato de viagem, ao ultrapassar uma recepção restrita a leitores interessados em ciência náutica, poderia configurar uma leitura parcial e seletiva, ou até mesmo dolorosa:

Deve-se, no entanto, admitir que, para o leitor que apenas busca uma forma de relaxamento útil, é doloroso ter o interesse que ele sente continuamente rompido por uma profusão de detalhes náuticos agressivos e cansativos. Fica-se enojado diante da eterna repetição de ventos, correntezas, longitude e latitude, variações da bússola, etc, [repetição] com a qual o narrador aborrece [o leitor] em toda página [...] (ARAGO, J., 1823, p. v, tradução nossa).<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> No original: “It must, however, be admitted to be painful to the reader who only seeks for useful relaxation, or agreeable information, to have the interest he feels perpetually

A digressão no prefácio prossegue recuperando ícones das grandes viagens de volta ao mundo do século XVIII, propondo uma periodização dentro da própria escrita de viagens. Discriminando-a em função do que se percebia como um “progressivo descobrimento do mundo” por parte da Europa, o viajante do século XIX estabeleceu, assim, um critério de ordem científica para a elaboração dos relatos, ressaltando o que reconhecia como sua gradativa insuficiência. Para Arago, teria havido, portanto, um esvaziamento de impacto das formas de verossimilhança científica que regiam os relatos do século progressivo:

Há quem não tenha lido as admiráveis narrativas de Cook, de d’Entrecasteaux, de nosso infortunado La Pérouse? Mas há quem as tenha lido integralmente? E, ainda assim, os detalhes náuticos que se entrelaçam às suas narrativas foram, naquele momento, de importância superior. Conforme atravessaram vastos mares que eram praticamente desconhecidos, esses célebres navegantes se sentiram no dever de conceber um relato exato de ventos, monções, correntezas, bancos de areia e recifes, de modo a deixar direções no caminho para seus sucessores. Atualmente, a menor desvantagem desses detalhes é o fato de que são praticamente inúteis (ARAGO, J., 1823, p. v).<sup>12</sup>

O prefácio da edição inglesa, portanto, sugere um efeito de sentido diferente daquele provocado pelo prefácio original. Se, por um lado, ambos indicam o teor do pertencimento da obra a uma genealogia de relatos de viagem, anunciando e mesmo defendendo o estilo adotado, o prefácio da edição inglesa restringe a construção da autoria de Arago enquanto um crítico irônico e mordaz, capaz de subverter não apenas o

---

broken by a profusion of barbarous and tiresome nautical details. You are disgusted by the eternal repetition of winds, currents, longitude and latitude, variations of the compass, &c. with which the narrator annoys you in every page [...].”

<sup>12</sup> No original: “Who is there that has not read the admirable narratives of Cook, of d’Entrecasteaux, of our unfortunate La Perouse? But who is there also who has read them entirely through? And yet the nautical details with which their narratives are interspersed were then of very superior importance. In traversing vast seas which were nearly unknown, these celebrated navigators felt themselves bound to keep an exact account of winds, monsoons, currents, shoals, and reefs of rocks, so as to leave direction posts on the road for their successors. In the present day, the least disadvantage of these details is, that they are nearly useless”.

relato de sua viagem, mas também o empreendimento editorial que lhe conferiu suporte material e condições de círculo. É como se o Jacques Arago publicado em língua inglesa fosse menos ácido que o Jacques Arago que se apresenta em sua língua materna.

Finalmente, outra diferença é a reprodução, na edição inglesa, do relatório científico emitido à Academia Real de Ciências francesa após o retorno da expedição de Louis de Freycinet, em 1820. Trata-se de um texto datado de abril de 1821 e assinado por homens de ciência de destaque no campo científico francês da época, como Alexandre von Humboldt, Georges Cuvier, Joseph Louis Gay-Lussac e, inclusive, o irmão de Jacques Arago, François Arago, que foi efetivamente o relator e autor do texto. A função desse relatório foi a de conferir legitimidade científica aos feitos da expedição junto ao campo científico francês como um todo, de modo que suas formulações não permanecessem restritas aos circuitos da Marinha.

O relatório foi incluído já no primeiro tomo da edição inglesa da narrativa epistolar de Jacques Arago, logo após o prefácio, sendo portanto apresentado ao leitor antes mesmo da série de cartas elaborada pelo viajante. Originalmente um parecer manuscrito que terminou por ser editado posteriormente em diferentes suportes materiais,<sup>13</sup> o relatório foi integralmente reproduzido na edição inglesa das cartas dos viajantes. Desse modo, foram apresentados todos os tópicos de avaliação da Academia Real de Ciências, quais sejam, “itinerário”, “observações com pêndulo”, “magnetismo”, “geografia”, “hidrografia”, “meteorologia”, “história natural”, “narrativa da viagem” e “desenhos” (ARAGO, F., 1823, p. v-xxvi).

Embora tenha se ocupado da representação pictórica de diversos aspectos da expedição, Jacques Arago não desempenhou um papel efetivo nas experiências e práticas científicas coordenadas ao longo da expedição de volta ao mundo da Marinha francesa. Com efeito, seu nome é mencionado principalmente nos tópicos referentes à narrativa de viagem e aos desenhos elaborados ao longo da viagem:

---

<sup>13</sup> Um dos primeiros suportes materiais impressos para esse relatório foram os já citados *Annales maritimes et coloniales*, nos quais os diferentes trechos foram publicados separada e gradativamente entre 1821 e 1823 (BAJOT, 1823), ou seja, diferentemente do que ocorreu na edição inglesa da obra de Arago.

O que conferirá um nível especial de interesse à narrativa é o atlas pitoresco, no qual estarão reunidas as paisagens, vistas marítimas e representações de costumes, pelas quais nos encontramos em dívida para com o talento e ampla atividade do sr. Arago, desenhista da expedição. [...] O número de desenhos é surpreendente, tendo-se em vista que foram feitos em campo, e frequentemente em situações de considerável perigo. Com grande espírito e expressão na execução, eles unem o caráter de fidelidade, que é tão desejável no pitoresco atlas de uma viagem distante (ARAGO, F., 1823, p. xxv-xxvi).<sup>14</sup>

Apesar de tais menções elogiosas ao viajante desenhista, é curioso que o relatório de avaliação científica da expedição de Freycinet tenha sido integralmente incluído na edição inglesa das cartas de Jacques Arago. O texto pouco se refere ao desenhista, uma vez que esse não desempenhou papel decisivo no tocante a saberes como astronomia ou navegação. Se, por um lado, esse relatório explicita o significado dos desenhos de Arago no conjunto do empreendimento da expedição, por outro lado são poucas as suas seções que de fato se referem às práticas de Arago. Portanto, é plausível inferir que a inclusão do relatório na obra não exerceu apenas uma função de “contextualização”, ou seja, não buscou apenas situar a autoria do viajante francês, por mais que ele também tenha realizado desenhos em termos de história natural.

Na verdade, tal procedimento editorial parece ter tido como objetivo conferir um maior grau de verossimilhança científica à narrativa epistolar do viajante francês. Com efeito, essa opção editorial aproxima as cartas de Arago e mesmo a sua figura enquanto autor à expedição da Marinha francesa enquanto empreendimento científico, o que é um procedimento curioso, na medida em que houve várias tensões entre Arago e a expedição como um todo. Cabe ressaltar, como já apontado em diversos estudos referentes à expedição de Freycinet, que Jacques Arago foi uma das exceções na tripulação escolhida, tendo sido um dos poucos

---

<sup>14</sup> No original: “What will give a particular degree of interest to the narrative, is the picturesque atlas, in which will be collected the landscapes, marine views, and representations of costume, for which we are indebted to the talent and great activity of M. Arago, the draftsman of the expedition. [...] The number of drawings is surprising, considering that they were made in the open air, and frequently in situations of considerable danger. With great spirit and expression in the execution, they unite the character of fidelity, which is so desirable in the picturesque atlas of a distant voyage”.

civis que compuseram um grupo formado quase que exclusivamente por oficiais da Marinha (TAILLEMITE, 1999; BLAIS, 2000). A inclusão do relatório da Academia Real de Ciências esmaece, ainda que levemente, a distinção entre o desenhista civil Jacques Arago e os demais tripulantes, e corrobora a reprodução, na edição inglesa, do quadro de localidades e medidas recolhidas por meio do uso de termômetros e barômetros, um apêndice que, como ressaltado anteriormente, foi parte integrante já da edição original francesa.

Ainda nesse sentido, a inserção do relatório logo após um prefácio que colocou em questão justamente os recursos textuais da verossimilhança científica parece exercer uma função compensatória. O relatório cumpre uma função de apresentar ao leitor o progresso científico alcançado pela expedição, tornando a obra de Arago, assim, também um texto de instrução e divulgação científica. Desse modo, sua narrativa epistolar, nessa edição inglesa, termina por se aproximar das narrativas dos viajantes do século XVIII que, paradoxalmente, tiveram seu estilo criticado no prefácio da obra.

Há de se questionar, ainda, em que medida a opção por incluir o relatório na edição inglesa esteve vinculada a expectativas diferentes em termos de recepção e consumo de relatos de viagem em circuitos anglófonos e circuitos francófonos do século XIX. É possível que a recepção britânica desse tipo de obra, por exemplo, estivesse configurada por uma demanda ou expectativa maior no tocante à circulação de formulações científicas, ao passo que um circuito francês de consumo de obras como a série de cartas de Arago, por sua vez, tivesse expectativa maior no tocante a imagens comprometidas com representações do exótico e do pitoresco.<sup>15</sup>

### **As edições italianas: progressivo esvaziamento da verossimilhança científica**

A narrativa epistolar de Jacques Arago alcançou considerável sucesso editorial na Itália. Foram diversas edições da tradução para língua italiana, entre as quais a primeira, editada em 1824 em Milão, bem como posteriores, como a realizada em Turim em 1829 e a realizada em Nápoles no ano seguinte.

---

<sup>15</sup> A verificação de tais hipóteses, no entanto, exige maior escopo de pesquisa.

A edição italiana de 1824 se aproxima em vários aspectos da edição original francesa. Um elemento de destaque na edição italiana é a recuperação do prefácio original da obra, o supracitado diálogo entre “o autor e o livreiro”, o que reforça a dimensão irônica e satírica da autoria de Jacques Arago. Destaca-se, também, na primeira edição italiana, a reprodução de elementos textuais que ressaltaram sua verossimilhança científica, como o quadro de localizações e medidas barométricas. Ainda no tocante aos efeitos de verossimilhança da experiência da viagem, a primeira edição italiana também reproduziu o quadro nominativo da tripulação.

Por outro lado, nessa edição, as imagens novamente são apresentadas mediante uma função acessória de ilustração. Não houve atlas com suporte material específico. Nesse sentido, a edição italiana de 1824 se aproxima da edição inglesa de 1823. Ambas se afastam do modelo inicial, em que os desenhos de Arago, apresentados mediante o suporte do atlas, adquiriam sentido diferenciado em termos de produção de saber decorrente da experiência da viagem. Não se trata de afirmar, no entanto, que a função de desenhista da expedição tenha sido elidida do sentido de autoria provocado pela edição. Com efeito, tal como nas demais edições da obra, o papel de desenhista é enfatizado na edição italiana, que ressalta essa atuação já em seu frontispício, ao apresentar Jacques Arago como “disegnatore della spedizione”. Contudo, nela os desenhos parecem adquirir um sentido de reminiscência subjetiva do desenhista viajante, tornando-se extensões das cenas que tece mediante suas cartas.

A edição italiana de 1829, por sua vez, apresenta várias transformações em termos de suporte material da obra, as quais acabaram por lhe conferir diferenças também em termos de efeitos de sentido. Essa edição integrou uma coleção mais ampla, em função da qual foram publicados outros relatos de viagem. Composta por sete volumes, trata-se de uma edição em formato duodécimo, na qual foram suprimidos diversos elementos textuais.

O primeiro volume dessa edição, por exemplo, não apresenta o prefácio. Todos os demais elementos que em outras edições conferiram verossimilhança científica à obra, como as tabelas barométricas, foram igualmente deixados de lado. Além disso, a lista de índice das cartas apresenta várias vezes o mesmo título, o que diminui o impacto da especificidade de cada carta, imputando-lhes muitas vezes um aspecto de mera descrição geográfica e retirando delas o potencial em termos de cena de viagem. É nesse sentido, por exemplo, que as dezesseis cartas

referentes à passagem de Arago pela cidade do Rio de Janeiro são todas apresentadas sob o título *Da Rio de Janeiro* (ARAGO, 1829, t. I, p. 199), o que suprime o efeito de enunciação de cada tópico referente à cidade tal como explorado na edição italiana anterior, que apresentara essas mesmas cartas mediante títulos variados, como *Descrizione della città; visita al generale Hogendorp, Governo civile di Rio, Apatia della Nazionel accademia di Rio, Tratta de' Negri; barbarie esercitata su di essi e Costumi di alcune colonie selvaggie dell'interno del Brasile* (ARAGO, 1824, p. 259-261). Esses títulos, ao explicitarem tanto temas como costumes quanto aspectos da política local, sobretudo mediante o uso de um vocabulário político explícito no tocante a questões como a persistente escravidão brasileira e a vida nacional, funcionam, na primeira edição italiana, como ênfases que redimensionam o escopo das cartas. Tais efeitos se perderam na edição de 1829, que em seus diversos volumes utilizou o mesmo recurso de apresentar cartas variadas sob um mesmo título.<sup>16</sup>

A edição de 1830 da tradução para a língua italiana, por sua vez, apresentou nova série de modificações, as quais diminuíram a ênfase em recursos textuais que ampliassem os efeitos de cientificidade da obra, tornando-a mais próxima de uma forma de relato de viagem que privilegiasse a subjetividade do viajante. Editada em Nápoles, essa edição foi composta por quatro volumes. Apesar de ter sido concebida em formato diferente daquele da edição italiana de 1829, essa edição também se destaca pelas supressões de elementos de textuais.

Com efeito, elementos importantes em edições pregressas foram simplesmente elididos dessa edição italiana. Não consta dela a longa lista com o vocabulário dos povos visitados, tampouco as tabelas com dados referentes a experiências barométricas. A lista referente aos integrantes da tripulação foi igualmente elidida. Os únicos elementos textuais adjuntos às cartas que foram mantidos nessa edição foram o prefácio original e as imagens desenhadas pelo autor.

A supressão de tantos elementos denota uma mediação editorial menos preocupada com o efeito de verossimilhança científica do relato. É possível inferir que, por meio dessas escolhas editoriais, optou-se pela ênfase no efeito de subjetividade do autor, sobretudo mediante sua identidade não apenas de viajante, mas também de desenhista.

---

<sup>16</sup> O índice do quarto volume da edição italiana de 1829 apresenta, por exemplo, várias cartas sob o título *D'Agagna (isola di Guham)* (ARAGO, 1829, t. IV, p. 192).



Contudo, até o uso das imagens nessa edição se restringiu a um caráter acessório. Sua função de ilustração narrativa foi intensificada, e perdeu-se o potencial de sentido configurado inicialmente pela totalidade das imagens reunidas em atlas.

Na edição italiana de Nápoles, essa função intensificada de ilustração se explicita principalmente porque a supressão de elementos também se estendeu às próprias imagens. Várias imagens foram simplesmente removidas do conjunto da obra. Em função disso, há evidente disparidade na quantidade de pranchas reproduzida em cada volume. O primeiro tomo apresenta apenas uma ilustração, a vista da Igreja da Glória no Rio de Janeiro (ARAGO, 1830, v. I, p. 184). O segundo tomo é o que traz o maior número de imagens, com seis imagens do autor (ARAGO, 1830, v. I, p. 183). O terceiro tomo, por sua vez, contém apenas a oitava prancha, “Giovane donna di Sandwich danzante” (ARAGO, 1830, v. III, p. 49). O quarto tomo trouxe consigo as últimas quatro pranchas escolhidas para a edição, apresentadas mediante os títulos “Maniera ingegnosa di far morire un colpevole alle isole Sandwich”, “Maniera di strangolare un colpevole presso gl’Isolani di Sandwich”, “Selvaggio dela Nuova-Olanda che torna dal combattimento” e “Caccia della tigre, che si ussa dai Gaouches, ossia indigeni del Paraguai” (ARAGO, 1830, v. IV, p. 192).

## Conclusão

Em 1841, a série de cartas *Promenade autour du monde* foi novamente editada na França. A casa de edição Abel Ledoux seguiu em muitos aspectos a edição original impressa por Leblanc em 1822, mantendo o prefácio original, os apêndices de ordem científica, a lista nominativa da tripulação da expedição de Freycinet, bem como o atlas com as ilustrações de Arago (1841a, 1841b).

A pessoa que porventura se deparar com as edições francesas de 1822 e 1841 poderia ser levada a pensar que, em duas décadas, os efeitos de sentido da primeira obra de Jacques Arago e suas condições de circulação em suportes materiais teriam sido praticamente as mesmas. O êxito de seu relato, não apenas na França, mas na Europa, poderia ser reconhecido como um resultado de suas estratégias autorais, tanto em termos de estilo narrativo como em termos de precisão representacional ou verossimilhança científica. No entanto, como demonstrado, houve diferentes *Promenades* em circulação na Europa dessas décadas, e elas apresentaram diferenças expressivas entre si.

As diferentes edições das traduções da obra de Jacques Arago terminaram por transformar os efeitos de sentido da obra e suas condições de circulação e consumo, sobretudo tendo-se em vista as tensões inerentes ao relato de viagem enquanto gênero. Uma vez que o relato é um gênero misto, com diferentes potencialidades, a disposição e justaposição de elementos paratextuais adquire potencial mais decisivo em obras desse gênero. No caso da obra *Promenade autour du monde*, o que se evidencia mediante uma análise comparada de suas diversas edições é a tensão entre o compromisso editorial com um teor de verossimilhança científica e, por outro lado, a cristalização da viagem enquanto experiência de um deslocamento subjetivo. Houve, portanto, ao longo dessa trajetória de mediações editoriais, um progressivo esvaziamento do atlas elaborado pelo autor enquanto potencial obra autônoma, consolidando-se seu efeito de sentido enquanto ilustração acessória ao texto.

Evidentemente, há diversos aspectos referentes a essas mediações editoriais que escaparam ao escopo do presente trabalho. Outros vestígios e indícios documentais podem permitir inferências acerca das negociações entre editores e o próprio autor, por exemplo, o que poderia explicar as agências, os conflitos e as escolhas que conformaram as formas finais dos suportes materiais desses textos. O custo da reprodução de imagens, por exemplo, pode ter sido um critério decisivo para a gradativa reconfiguração da obra de Arago. Também seria plausível supor, como afirmado antes, que houve diferenças expressivas em termos de recepção e mercados editoriais nacionais, o que explicaria diferenças em termos de demanda por modalidades diferenciadas de um gênero misto. De todo modo, uma análise comparativa dos diferentes livros, tal como se apresentaram à circulação pública, permite identificar descompassos em termos de verossimilhança científica e ressaltar, assim, os diferentes efeitos de sentido possíveis a partir de mediações editoriais.

Muitos estudiosos já insistiram no fato de que não há autor sem editor. O exemplo de *Promenade autour du monde* é, portanto, um estudo de caso que reitera essa observação tantas vezes reivindicada, sobretudo em estudos de história cultural. A trajetória de Jacques Arago, em si, até poderia explicar parte dos constrangimentos que sua primeira obra sofreu ao longo de tantas edições, uma vez que, como demonstra o estudo de François Sarda (2002), o próprio autor se afastou gradativamente do campo do desenho científico, permanecendo cada vez mais em um circuito teatral. Contudo, insistir em tal aspecto seria insistir em uma

hipertrofia do autor e de sua trajetória no que se refere a trajetórias outras, que são aquelas dos textos que levam seu nome. A viagem à qual Jacques Arago se referiu em suas cartas foi apenas a primeira que constituiria a trajetória de seu relato. A *Promenade autour du monde* se concluiu diversas outras vezes, por meio de diferentes viagens paratextuais. Nessas novas viagens, editores foram atores decisivos.

## Referências

ARAGO, François. Report made to the academy of sciences, upon the voyage round the world, of the corvette Uranie, commanded by. M. de Freycinet. In: ARAGO, Jacques. *Narrative of a voyage round the world, in the Uranie and Physicienne corvettes, commanded by Captain Freycinet, in a series of letters to a friend*, parts I-II. London: Treuttel and Wurtz, 1823. p. i-xxvii. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=rLENAAAAQAAJ&dq=arago%20narrative%20of%20a%20voyage%20round%20the%20world&pg=PR1#v=onepage&q=arago%20narrative%20of%20a%20voyage%20round%20the%20world&f=false>. Acesso em: 16 ago. 2020.

ARAGO, Jacques. *Promenade autour du monde, pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820, sur les corvettes du Roi l'Uranie et la Physicienne, commandées par M. Freycinet*. Paris: Leblanc, 1822a. Tome Premier. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=57QBA AAYAAJ&dq=editions%3AAb\\_4SRIO5OcC&pg=PR1#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=57QBA AAYAAJ&dq=editions%3AAb_4SRIO5OcC&pg=PR1#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 16 ago. 2020.

ARAGO, Jacques. *Promenade autour du monde, pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820, sur les corvettes du Roi l'Uranie et la Physicienne, commandées par M. Freycinet*. Paris: Leblanc, 1822b. Tome Second. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=q6ihYHwYAkAC&dq=inauthor%3A%22Jacques%20Arago%22&pg=PP4#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 16 ago. 2020.

ARAGO, Jacques. *Promenade autour du monde, pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820, sur les corvettes du Roi l'Uranie et la Physicienne, commandées par M. Freycinet*. Atlas historique et pittoresque. Paris: Leblanc, 1822c. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=DtM-AAAAYAAJ&dq=editions%3AAb\\_4SRIO5OcC&pg=PP9#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=DtM-AAAAYAAJ&dq=editions%3AAb_4SRIO5OcC&pg=PP9#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 16 ago. 2020.

ARAGO, Jacques. *Narrative of a voyage round the world, in the Uranie and Physicienne corvettes, commanded by Captain Freycinet, in a series of letters to a friend*, parts I-II. London: Treuttel and Wurtz, 1823. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=rLENAAAAQAAJ&dq=arago%20narrative%20of%20a%20voyage%20round%20the%20world&pg=PR1#v=onepage&q=arago%20narrative%20of%20a%20voyage%20round%20the%20world&f=false>. Acesso em: 16 ago. 2020.

ARAGO, Jacques. *Passeggiata intorno al mondo negli anni 1817-18-19 e 20, sopra le corvette del re di Francia l'Urania e la Fisica, comandate dal sig. Freycinet*. Milano: Fratelli Sonzogno, 1824. v. I. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=tUME046N5GYC&dq=arago%20passeggiata%20milano%201824&pg=PR16#v=onepage&q=arago%20passeggiata%20milano%201824&f=false>. Acesso em: 16 ago. 2020.

ARAGO, Jacques. *Passeggiata intorno al mondo negli anni 1817-18-19 e 20, sopra le corvette del Re di Francia l'Uranie et la Fisica, comandate dal sig. Freycinet*. Torino: Stamperia Alliana, 1829. Tomo I. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=jDXJX3\\_t4LIC&dq=editio ns%3AVHfrsBTVINQC&pg=PA3#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=jDXJX3_t4LIC&dq=editio ns%3AVHfrsBTVINQC&pg=PA3#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 16 ago. 2020.

ARAGO, Jacques. *Passeggiata intorno al mondo negli anni 1817-18-19 e 20, sopra le corvette del Re di Francia l'Uranie et la Fisica, comandate dal sig. Freycinet*. Torino: Stamperia Alliana, 1829. Tomo IV. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=lr84q\\_KYNeAC&dq=editio ns%3AVHfrsBTVINQC&pg=PA3#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=lr84q_KYNeAC&dq=editio ns%3AVHfrsBTVINQC&pg=PA3#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 16 ago. 2020.

ARAGO, Jacques. *Passeggiata intorno al mondo negli anni 1817-18-19 e 20, sopra le corvette del Re di Francia l'Uranie et la Fisica, comandate dal sig. Freycinet*. Torino: Stamperia Alliana, 1829. Tomo VII. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=GIHBX05KBekC&dq=edi tions%3AVHfrsBTVINQC&pg=PA3#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 16 ago. 2020.

ARAGO, Jacques. *Passeggiata intorno al mondo negli anni 1817-1819 e 20, sopra le corvette del Re di Francia l'Uranie et la Fisica, comandate dal sig. Freycinet*. Napoli: Marotta & Vanspandoch, 1830. v. I-II. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=px8NAQAIAAJ&dq=ed itions%3Aef912vFqLKOc&pg=RA1-PA183#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 16 ago. 2020.

ARAGO, Jacques. *Passeggiata intorno al mondo negli anni 1817-1819 e 20, sopra le corvette del Re di Francia l'Uranie et la Fisica, comandate dal sig. Freycinet*. Napoli: Marotta & Vanspandoch, 1830. v. III-IV. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=GiANAQAAlAAJ&dq=editions%3Aef912vFqLKoC&pg=RA1-PA192#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 16 ago. 2020.

ARAGO, Jacques. *Promenade autour du monde, pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820, sur les corvettes du Roi l'Uranie et la Physicienne, commandées par M. Freycinet*. Paris: Abel Ledoux, 1841a. Tome Premier. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ywgPAAAAQAAJ&dq=editions%3A7ujblfrF8rcC&pg=PP7#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 16 ago. 2020.

ARAGO, Jacques. *Promenade autour du monde, pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820, sur les corvettes du Roi l'Uranie et la Physicienne, commandées par M. Freycinet*. Paris: Abel Ledoux, 1841b. Tome Deuxième. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=6QgPAAAAQAAJ&dq=arago%20promenade%20autour%20du%20monde%20atlas&pg=PA493#v=onepage&q=arago%20promenade%20autour%20du%20monde%20atlas&f=false>. Acesso em: 16 ago. 2020.

BAJOT, Louis-Marie (ed.). *Annales maritimes et coloniales*. Paris: Imprimerie Royale, 1823. IIe Partie, Tome I. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=aFwYAAAAYAAJ&dq=editions%3AtWw4oSXq1loC&pg=PA96#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 16 ago. 2020.

BENOÎT-GUYOD, Georges. *Au temps de la Marine en bois: le tour du monde de "l'Uranie" (1817-1820) – le voyage triomphal de la "Belle Poule" (1840)*. Paris: Mercure de France, 1942.

BLAIS, Hélène. *Les voyages français dans le Pacifique: pratique de l'espace, savoirs géographiques et expansion coloniale (1815-1845)*. Orientador: Daniel Nordman. 2000. 861f. Tese (Doutorado em História) – École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 2000. DOI: <https://doi.org/10.4000/rh19.286>.

BRIDGES, Roy. Exploration and travel outside Europe (1720-1914). In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (ed.). *The Cambridge Companion to*

*Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 53-69. DOI: <https://doi.org/10.4000/rh19.286>.

CHARTIER, Roger. A mediação editorial. Trad. Fulvia M. L. Moretto. In: \_\_\_\_\_. *Os desafios da escrita*. São Paulo: EdUNESP, 2002. p. 61-76.

DIENER, Pablo. Lo pintoresco como categoría estética en el arte de viajeros. Apuntes para la obra de Rugendas. *Historia*, Santiago, Chile, v. II, n. 40, p. 285-309, jul./dic. 2007. DOI: <https://doi.org/10.4067/S0717-71942007000200002>

GANNIER, Odile. *La littérature de voyage*. Paris: Ellipses, 2001. (Collection Thèmes & Études).

GANNIER, Odile. *Le roman maritime: émergence d'un genre en Occident*. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2011. (Collection Imago Mundi).

KURY, Lorelai. *Histoire naturelle et voyages scientifiques (1780-1830)*. Paris: L'Harmattan, 2001.

MCKENZIE, Donald F. *Bibliography and the Sociology of Texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511483226>.

RUBIÉS, Joan-Pau. Travel writing and ethnography. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (ed.). *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 242-260. DOI: <https://doi.org/10.1017/CCOL052178140X.015>.

SARDA, François. *Les Arago: François et les autres*. Paris: Tallandier, 2002.

SCHAEFFER, Jean-Marie. *Qu'est-ce qu'un genre littéraire?* Paris: Seuil, 1989.

SMETHURST, Paul. *Travel writing and the natural world, 1768-1840*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2012.

TAILLEMITE, Étienne. *Marins français à la découverte du monde: de Jacques Cartier à Dumont d'Urville*. Paris: Fayard, 1999.

Recebido em: 30 de agosto de 2020.

Aprovado em: 1 de janeiro de 2021.